

DO SER HUMANO AO ANIMAL: OS CORPOS DÓCEIS DE CADA ÉPOCA

Thamiris Dondóssola de Souza
*thamirisdondossola@hotmail.com*¹

RESUMO

Este ensaio se encarrega de expor que é possível utilizar a noção “corpos dóceis”, de Michel Foucault, para a condição dos animais, não somente para a condição do ser humano. Em seguida, discorre sobre o fato de que umas das principais formas de descrever os animais como “corpos dóceis” é a forma como eles são tratados na indústria da carne. A literatura também contribui para que se analise a noção “corpos dóceis” para os animais, e *Desonra*, de J. M. Coetzee é uma excelente fonte para se recorrer. Mas essa discussão não é recente, muitos filósofos vêm constatando a forma cruel como os animais são tratados, pura e simplesmente pelas relações de poder que desde muito tempo norteiam a sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Corpos dóceis; animais; ser humano.

FROM THE HUMAN BEING TO THE ANIMAL: THE DOCILE BODIES OF EACH TIME

ABSTRACT

This is an essay for the export application and application of "docile bodies", by Michel Foucault, for the condition of animals, it is not only for the condition of being human. In, it discusses the fact that one of the main ways of describing animals as "docile bodies" is one way they are treated in the meat industry. The literature also contributes to the analysis of the notion of "docile bodies" for animals, and *Disgrace* by J. M. Coetzee is an excellent source for recourse. But this discussion is not recent, many philosophers have been observing the cruel way animals are treated purely and simply by the power relations that have long guided society.

KEYWORDS: Docile bodies; Animals; human being.

Há muito tempo se discute noções de disciplina, poder e submissão de forma individual. Neste ensaio, farei uma exposição de como essas noções, unidas, se atravessam e dão origem a algo de potência maior: a forma submissa com que tratamos os animais hoje. Assim, tendo em vista as relações de poder que norteiam a sociedade, é a partir do conceito de “corpos dóceis”, que irei expor de que forma as três noções se relacionam, e com isso, proponho que pensemos sobre a condição dos seres humanos no século XVIII, mas principalmente, sobre a condição cruel em que hoje se encontram os animais.

¹ Acadêmica da 6ª fase do Curso de Letras, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Na obra *Vigiar e Punir*, Michel Foucault, para definir a figura dos soldados no século XVIII, se utiliza do termo “corpos dóceis”, que nos remete, basicamente, a seres obedientes e submissos. Foucault então expõe que

uma “mecânica do poder” está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que se façam o que se quer, mas para que operem como se quer [...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Os corpos dos soldados, neste caso, eram vistos como “corpos dóceis”, pois, a partir de uma nova relação de poder, “o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa” (FOUCAULT, 1987, p. 117). Ou seja, aquela figura ideal que exaltava orgulho e coragem ficou para trás. Entendemos, portanto, como corpo dócil, aquele que “pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1987, p. 118). O corpo daqueles homens, que estava basicamente sendo adestrado, tornou-se o alvo do poder.

Agora que compreendemos a noção de “corpos dóceis”, podemos refletir sobre a relação entre os três conceitos apresentados inicialmente: disciplina, poder e submissão. Foucault expõe que “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior „adestrar”” (FOUCAULT, 1987, p. 143). A partir disso, conseguimos perceber de que forma a submissão vai de encontro à disciplina e ao poder, ela é vista como forma de adestramento, para que aqueles que se encontram no topo do poder, se apropriem cada vez mais e cada vez melhor, daqueles que estão em baixo. A submissão, portanto, é consequência do poder disciplinar.

O objetivo do que foi exposto até então, é termos uma espécie de panorama da condição dos seres humanos há alguns séculos atrás. Uma condição desestimulante, ousou dizer, pois ser inteiramente submisso, obediente e conformado, como eram os soldados, não é algo admirável. No entanto, de uma forma ou de outra, essa condição de docilidade permaneceu ao longo do tempo e mesmo até hoje. Eu poderia, certamente, citar as mulheres por uma ótica sexista; o preconceito contra negros, por uma ótica racista; a aversão aos homossexuais, por uma ótica homofóbica. No entanto, é possível pensarmos sobre as relações de poder e sobre a noção de “corpos dóceis” não somente entre os homens, mas também na relação que hoje existe entre os homens e os animais, onde os animais ocupam o posto de “corpos dóceis”, ou seja, são explorados sem consentimento, mas com obediência, pelo próprio homem. Podemos dizer, também, que a “docilidade do animal” é ainda mais agressiva, é uma violência física ao seu corpo. Portanto, decidi dar atenção, desta vez, aos

animais, àqueles que mais são esquecidos pela sociedade. E uma vez que já expus a condição dos soldados, ou simplesmente seres humanos, vamos parar para refletir, também, sobre a condição dos animais como “corpos dóceis” a partir de uma ótica especista.

É possível mencionar, de modo breve, uma série de relações de poder em que a disciplina é predominante, e com isso, retomando o que já foi dito anteriormente, mas não exatamente dessa forma: os homens ficam no topo e os animais, em baixo. Podemos pensar em rodeios, brigas de galo, farras do boi, touradas, vaquejadas, zoológicos, circos, aquários, animais silvestres servindo de entretenimento, testes em animais, a indústria da carne, e por fim, o ápice da “superioridade” humana: o matadouro. Em todos esses casos, o homem se mantém no poder, enquanto o animal é desprovido de todos os seus direitos, encontra-se num estado de submissão e aceitação. Peter Singer, na obra *Ética Prática*, articulará que “alguns dizem que hierarquizar o valor de vidas diferentes é um procedimento antropocêntrico, até mesmo especista. Se assim fizermos, estaremos inevitavelmente nos colocando no topo [...]” (SINGER, 1998, p. 115). Especismo, portanto, diz respeito a forma como atribuímos valores diferentes para diferentes espécies. Nesse caso, damos maior valor a espécie humana do que à espécie animal. E os exemplos mencionados acima, ilustram esse posicionamento hierárquico. Ainda em *Vigiar e Punir*, Foucault também expõe a forma como os homens eram violentados fisicamente nas prisões, nos séculos passados. Antes, o que se tinha, era a crueldade do homem contra outro homem (o condenado), e chamavam esse ato de suplício, que se resume em uma “pena corporal, dolorosa, mais ou menos atroz [...]”, é um fenômeno inexplicável a extensão da imaginação dos homens para a barbárie e a crueldade” (FOUCAULT, 1987, p. 31). Ao que tudo indica, essa barbárie permanece, mesmo depois de tanto tempo, mas dessa vez, as vítimas são os animais.

A indústria da carne é, sem dúvidas, uma das melhores vias para exemplificarmos a questão dos animais enquanto “corpos dóceis” e enxergarmos o quanto seus corpos são violentados fisicamente. Poderíamos, obviamente, pensar também em circos e zoológicos, onde os animais se encontram num estado de aceitação de regras para apresentações de entretenimento humano (principalmente no primeiro caso) e de um ambiente que não é seu *habitat* natural (nos dois casos). Mas voltando a indústria da carne, Jonathan Safran Foer, em seu livro *Comer Animais*, ao adentrar granjas industriais e alguns matadouros, expõe que

Enquanto a maioria das pessoas conhece as linhas gerais da crueldade nas criações industriais – as gaiolas são pequenas, o abate é violento –, certas técnicas praticadas de modo extenso conseguiram evitar chegar à consciência pública. Eu nunca tinha ouvido falar em privação de comida e de luz (FOER, 2011, p. 62).

Foer afirma que os animais de criações industriais, muitas vezes, são submetidos a ficarem sem comida ou energia, principalmente antes de estarem a caminho do matadouro. Aqui, encontramos uma diferença considerável entre a condição do soldado no século XVIII e a condição dos animais atualmente. Hoje, os animais são submetidos a violências físicas sentenciosas, mas isso não era o foco na questão dos soldados. No entanto, se relacionarmos os animais aos homens supliciados, temos uma semelhança gritante. Mas ainda na mesma linha de expor as condições nas quais os animais se encontram na indústria da carne, podemos mencionar as galinhas poedeiras, que costumam viver em cubículos do tamanho de uma folha A4, a violência física contra os porcos, que têm seus dentes e rabos arrancados, e não vamos esquecer dos peixes morrendo por falta de oxigênio. Enfim, a lista de exploração contra os animais é gigantesca.

Mas você deve estar se perguntando qual a minha intenção diante desses fatos. Ora, certamente, se tivessem escolhas, os animais das criações industriais não gostariam de ter seu corpo objetificado, de viver da forma como vivem, ou melhor, *sobrevivem*: sem alimento, sem ver a luz do sol, sem energia, privados de qualquer liberdade e com data de óbito marcada. *Ninguém* anseia por isso. No entanto, eles acabam aceitando obedientemente, afinal, estão condenados, ainda que não queiram, ainda que sofram... Eles não têm escolha, afinal, são seres submissos, estão por baixo, são “corpos dóceis”.

Na literatura, também podemos observar as relações de poder que vão do homem ao animal. A obra *Desonra*, de J. M. Coetzee, nos apresenta ao protagonista David Lurie, um homem egoísta e individual, totalmente indiferente aos animais: “Eu gosto de animais? Eu como animais, logo, devo gostar deles, sim, de algumas partes deles” (COETZEE, 2000, p. 96). Ao se envolver em um escândalo de assédio sexual, Lurie decide passar uns tempos no ambiente rural onde sua filha mora. Lá, ao ter contato direto com os animais, Lurie começa a fazer questionamentos sobre a questão animal. Ao se deparar com dois carneiros amarrados perto de sua casa, que em breve seriam abatidos, Lurie diz: “acho que não gosto do jeito de ele fazer as coisas, essa história de trazer os bichos para casa, essa proximidade com as pessoas que vão comer a carne deles depois” (COETZEE, 2000, p. 142). No entanto, esses questionamentos são dissipados diante da superioridade e poder que Lurie acredita ter, por ser da espécie humana e por ter uma visão especista predominante. E isso se torna explícito quando, em outra situação, ele auxilia uma personagem a sacrificar cães que ninguém quer adotar. Lurie,

ao ajudá-los a morrer [...], exercita covardemente o que lhe resta de poder, de soberania: administrar a vida e a morte de uma criatura em radical estado de penúria, com a qual ele não deixa de se identificar, em seu estado de solidão, decadência, exclusão e desonra (MACIEL, 2011, p. 97).

Apesar de o próprio personagem se comparar, insistentemente a animais, ao longo da obra, sua soberania é o que prevalece. Lurie é um ser humano, e claramente, vê no ato de sacrificar alguns animais, uma forma de se ver no topo. Aqueles cães não queriam morrer, Lurie percebe, mas acabam por aceitar a morte, afinal, são “corpos dóceis”.

É claro que, há muito tempo, muitos filósofos vêm discorrendo sobre a forma como nós, seres humanos, enxergamos os animais. Michel de Montaigne, Friedrich Nietzsche e Jacques Derrida são alguns exemplos. Montaigne, em um de seus ensaios, coloca o seguinte: “[...] cheguei mesmo a esta fraqueza de não poder ver matarem um frango sem que me seja desagradável [...]” (MONTAIGNE, 1996, p. 365). Com isso, Montaigne segue discorrendo sobre a forma como os homens tratam os animais, e a classifica, em síntese, como cruel. Já Nietzsche, ao dissertar nossa reação diante de alguns animais, coloca que “Quando *não* entram em consideração a utilidade e o dano, temos um sentimento de total irresponsabilidade [...]” (NIETZSCHE, 2017, p. 159). Com isso, Nietzsche segue dando exemplos de como somos irresponsáveis ou simplesmente indiferentes aos animais, quando eles não nos fornecem algum valor maior. Em síntese, como já foi mencionado anteriormente, hoje, o corpo dos animais é objetificado, não costumamos pensar que, assim como nós, eles deveriam ter o direito de viver suas vidas livremente. E isso tudo porque,

de acordo com a tradição ocidental dominante, o mundo natural existe para o benefício dos seres humanos. Deus deu a eles o domínio sobre o mundo natural e não se importa com a maneira como o tratamos. Os seres humanos são os únicos membros moralmente importantes desse mundo. Em si, a natureza não tem nenhum valor intrínseco, e a destruição de plantas e animais não pode configurar um pecado, a menos que, através dessa destruição, façamos mal aos seres humanos (SINGER, 1998, p. 283).

É a superioridade humana dando as caras. Tudo se resume a uma questão de hierarquia, topo e base. Nós, seres humanos, estamos no topo, somos a espécie mais desenvolvida, portanto, vamos nos aproveitar daqueles não são, vamos adestrá-los, *precisamos* exercitar o poder que nos foi dado! E por fim, Derrida, na obra *O animal que logo sou*, expõe que

ninguém pode negar o sofrimento, o medo ou o pânico, o terror ou o pavor que podem se apossar de certos animais e que nós, os homens, podemos testemunhar [...]

Alguns procurarão ainda [...] contestar o direito de chamar isso *sofrimento* ou *angústia* (DERRIDA, 2002 p. 56).

Derrida segue discorrendo sobre a relação entre os homens e os animais, a forma como o homem olha para o animal, e expõe que o que se tem hoje (1930, ano original da publicação do livro), é uma guerra entre espécies, mas essa guerra é “uma luta desigual” (DERRIDA, 2002, p. 56). E conclui, deste modo, afirmando que deveríamos começar a pensar por aí.

Antes de concluir, gostaria de esclarecer de forma breve tudo o que foi mencionado até então. Vimos que podemos utilizar a noção “corpos dóceis”, de Foucault, não somente para humanos, mas para os animais também, pois mesmo que existam diferenças entre as questões, também existem semelhanças. Então, uma das principais formas de descrevermos os animais como “corpos dóceis” é a forma como eles são tratados na indústria da carne. A literatura também contribui para que analisemos essa questão de “corpos dóceis”, e *Desonra*, de J. M. Coetzee é uma excelente fonte para se recorrer. Mas essa discussão não é recente, muitos filósofos vêm constatando a forma cruel como os animais são tratados, pura e simplesmente pelas relações de poder que desde muito tempo norteiam a nossa sociedade.

Foer coloca que “É famosa a afirmação de Tolstói de que as existências de matadouros e campos de batalha estão relacionadas” (FOER, 2011, p. 261). No mundo, na sociedade, há infinitas formas de poder, campos de batalha são exemplos, e matadouros também. Transformar os outros em “corpos dóceis”, ainda que implicitamente, sendo ou não sendo da mesma espécie, é escancaradamente um exercício ou abuso de poder. Essas formas de poder estão relacionadas, como tentei expor até então, e muito mais do que se pensa, muito mais do que está ao alcance dos nossos olhos. E tudo, absolutamente tudo, ocorre em nome da disciplina, da ordem, da instrução. O homem quer “formar corpos dóceis” nas mais diversas circunstâncias, por que seria diferente com os animais? Diferente mesmo é apenas a forma mais hostil e violenta a que os animais são submetidos na indústria da carne e em muitas outras situações, inclusive, essa violência contra seus corpos chega a ultrapassar os limites do conceito “corpos dóceis”.

Pois bem, acredito que eu já tenha conseguido expor o porquê de toda essa discussão. Mas, se você ainda está se perguntando o motivo de tudo isso, posso ser mais direta. Parafraseando Foer: aquilo que esquecemos sobre os animais, esquecemos sobre nós mesmos. Também somos animais, e nem sempre estivemos no controle da situação. Nós precisamos, ou mais do que isso, nós *necessitamos* rever a forma como lidamos com os

animais hoje. Eles não são meros “corpos dóceis” ou ainda mais rebaixados que isso, como comumente são tratados.

É difícil dar um significado para a palavra “ética”, não me atrevo a tanto, mas se há relação com moral, comportamento correto ou incorreto, aquilo que é certo ou errado, como tantos seres humanos dizem, apenas me questiono: se tanto o homem quanto o animal são sencientes, porque aplicaríamos os “mandamentos de ética” para uma espécie e para outra não? Além de especista, seria antiético. Tudo, absolutamente tudo, se resume a uma hierarquia levantada através do tempo, pelo homem. Tudo, absolutamente tudo, se resume em submissão, disciplina e poder. Finalmente, como dizia o cantor Geraldo Vandré: “Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição / De morrer pela pátria / E viver sem razão”. Era isso, portanto, o que se queria dos soldados. Então eu lhe pergunto: É isso o que nós queremos dos animais?

Referências

COETZEE, J. M.. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Tradução de: Fábio Landa.

FOER, Jonathan Safran. **Comer Animais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Tradução de: Raquel Ramallete.

MACIEL, Maria Esther. **A vida dos outros: J. M. Coetzee e a questão dos animais**. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Minas Gerais, v. 21, n. 3, p.91-101, dez. 2011.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**, volume II. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. Tradução de: Paulo César de Souza.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.